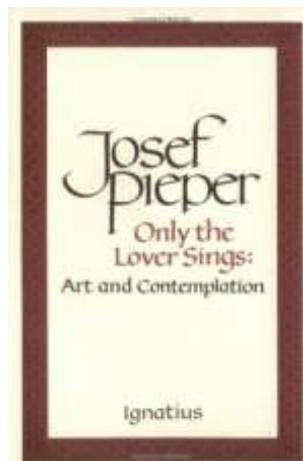


PIEPER, Josef. **Only the Lover Sings: Art and Contemplation**. Tradução de Lothar Krauth. San Francisco: Ignatius Press, 1990. 76p.

*Gilmar Assis Siqueira<sup>1</sup>*



O filósofo tomista alemão Josef Pieper deixa claro já no prefácio do livro que seu objetivo é esclarecer um ponto importante, mas infelizmente esquecido: que tudo aquilo que eleva a existência humana – seja a poesia, a música ou as demais belas artes – tem raiz não no fazer, na atividade incessante, mas na contemplação; nesta que remete o ser humano a Deus e o faz, cheio de alegria e festivamente, reafirmar o mundo e o próprio ser: mostrar gratidão por aquilo que existe. E essa verdadeira contemplação só pode ocorrer no ócio, tal como o entenderam os filósofos gregos e cristãos.

Para começar Pieper lembra que existem os chamados feriados, ou dias festivos, entre os dias de trabalho; mas esses feriados, tomados apenas como descanso ou pausa de uma atividade “produtiva”, têm um sentido muito mais profundo: o da celebração. A crítica do filósofo é que se passou a tomar o trabalho como um fim em si mesmo e não como meio para algo quando, na verdade, o trabalho é precisamente um *meio* de vida. Então ele recorda a distinção entre artes servis e artes liberais para demonstrar que existem atividades humanas que não tendem a produzir ou a ganhar algo, mas que são válidas em si mesmas: e o trabalho não é uma delas. Em suas palavras, “é uma ficção declarar o trabalho, a produção de coisas úteis, como tendo um fim em si mesmo” (PIEPER, 1990, p. 21)<sup>2</sup>. E por trás dessa perspectiva que tem o trabalho, a atividade, como centro da vida humana há também uma visão do próprio ser humano; uma visão segundo a qual a vida tem sentido no mero

<sup>1</sup> -Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná

<sup>2</sup> Tradução livre do original: “It is a fiction to declare work, the production of useful things, to be meaningful in itself”.

fazer. Pieper, sem embargo, a contraria ao resgatar a visão clássica que põe a contemplação como centro da vida humana, pois é através dela que o ser humano pode chegar – não para desvendar, mas para admirar – o mais profundo sentido das coisas. Mas a contemplação não é um meio destinado a outro fim, mas algo que tem um fim em si mesmo, algo completo; e por estar completa, acabada, a contemplação não exige nenhuma outra atividade do ser humano; exige, sem embargo, a sua receptividade. Como explica Pieper:

Uma atividade que tem sentido em si mesma, primeiro, não pode ser realizada exceto com uma atitude de abertura receptiva e atento silêncio – que, de fato é o exato oposto da atitude do trabalhador marcada pelo esforço concentrado. Uma das experiências humanas fundamentais é a percepção de que as coisas verdadeiramente grandes e elevadas na vida ocorrem talvez não sem nossos esforços mas de qualquer modo não através desses esforços. No entanto, nós só as obtemos se pudermos aceitá-las como presentes. (PIEPER, 1990, p. 25)<sup>3</sup>.

Mas como alguém, que nunca sequer parou a pensar nisso, poderia chegar à contemplação e à percepção de que essa contemplação é boa por si mesma? Pieper coloca uma condição para isso: é preciso ser capaz de celebrar uma festa. Essa celebração advém do vislumbre da harmonia das coisas e da consciência, por parte do ser humano, de que ele está em comunhão com essa realidade que, conquanto o abarque, também o transcende; é uma alegria pela existência das coisas, ou seja, é a certeza de que tudo o que é, é bom. Quando o ser humano é capaz de vislumbrar a realidade desse modo e a aceita, só então, nas palavras de Pieper, é que ele celebra uma festa. Celebra porque está contente por existir e, ainda mais, por existir dentro dessa ordem na qual há beleza; então ele deseja celebrar para agradecer. Aí entram também as artes chamadas liberais, precisamente as que têm um fim em si mesmas: o artista, movido pela alegria do ser e pela beleza da ordem, celebra-os com uma criação sua, uma criação que é resposta agradecida.

Mas, adverte o filósofo, num mundo tão inquieto e cheio de imagens é preciso reaprender a ver: porque precisamente ver as coisas é o primeiro passo que leva ao vislumbre da realidade. Aquele incapaz de ver não tem autonomia, se mantém alheio às coisas e fatalmente acaba por cair nas demagogias de seu tempo que lhe são colocadas como “inevitáveis”. O remédio, segundo Pieper, é fugir do barulho e do excesso de imagens fúteis para se concentrar em algo

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “An activity which is meaningful in itself, first, cannot be accomplished except with an attitude of receptive openness and attentive silence – which, indeed, is the exact opposite of the worker’s attitude marked by concentrated exertion. One of the fundamental human experiences is the realization that the truly great and uplifting things in life come about perhaps not without our own efforts but nevertheless not through those efforts. Rather, we will obtain them only if we can accept them as free gifts”.

concreto: nisso reside uma das grandes virtudes da criação artística, porque antes de dar uma forma à sua ideia o artista precisa observar atentamente a realidade concreta e apreender justamente as formas das quais se valerá em sua criação. O artista, para criar, é compelido a *ver*, a compreender profundamente a realidade.

Dentre as artes, Pieper aborda mais cuidadosamente neste livro a música; por estar ela tão próxima aos fundamentos da existência humana. Também ela é dinâmica e representa uma articulação em ordem a algo: é uma manifestação de júbilo, “uma articulação sem palavras do intrínseco dinamismo humano de autorrealização” (PIERPER, 1990, p. 44)<sup>4</sup>. Essa expressão dos movimentos da alma humana através da música se desenvolve no tempo e comunica uma experiência que é comum; e precisamente por ser comum é que ela afeta não só o compositor e o intérprete, mas também o ouvinte. Nele, a música ecoa internamente com a mesma vibração que é articulada. Em suma, o ouvinte é transportado pela música à comunhão com a realidade que motivou sua composição; ele é parte dessa mesma realidade e por isso pode celebrar.

O silêncio e a música não são incompatíveis, mas complementares. O que impede de ouvir é o barulho excessivo e vão, que é oposto ao silêncio atento que deseja captar a melodia e o sentido profundo da música – e da realidade.

É através do silêncio que o artista escapa do ruído inútil e das imagens excessivas para se concentrar no fundamento das coisas e poder por fim vislumbrar algo do mistério do ser. E, uma vez diante desse arcano indecifrável e de beleza infinita, ele o aceita alegremente, encantado. Essa aceitação é, para Pieper, um ato de amor: e como diz o filósofo no título de seu livro, só quem ama pode cantar.

---

<sup>4</sup> Tradução livre do original: “(...) as wordless expression of man’s intrinsic dynamism of self-realization (...)”.